

Hugo Achugar – ***Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.***

Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Waleska Rodrigues de M. Oliveira Martins

Professor titular de Literatura Latino-Americana da Universidade de Miami, Hugo Achugar é uruguaio, crítico, ensaísta e “andarilho” em seu pensamento. Em *Planeta sem bocas* Achugar focaliza os principais debates da contemporaneidade como a diversidade cultural, a relação entre local e universal, subalterno e mandatário, identidade e tradição sob uma perspectiva política, filosófica, econômica e cultural. O tema visceral do livro é repensar no valor da produção fora do Primeiro Mundo. No entanto, perambular nesses caminhos ainda incertos da compreensão é quase que uma sina, um chamado inevitável para o enfrentamento de si no outro. Acredita-se que vivemos em um momento intersemiótico conturbado e privilegiado, em que a certeza é momentânea e questionável, emergindo inúmeras possibilidades de interação e integração entre as diversas culturas e suas formas de expressão.

Devemos admitir, enfrentar e resolver conosco mesmo o momento angustiante do *ter* que *saber* mais e se *entender* menos. Um tempo em que se vislumbra o poder material ilimitado, o surgimento veloz e surpreendente das tecnologias, as novas maneiras ou métodos de circulação de bens e serviços, a nulidade tendencial dos signos e conteúdos culturais peculiares. A tendência, segundo Achugar, é de que não se compreenda o momento que se vive e nem o que se está produzindo. Conceitos e concepções são invertidos, subvertidos ou questionados. Entretanto, propor ou discordar de um discurso homogeneizado (que “proclama a morte dos processos nacionais”), por exemplo, desemboca, por vezes, em algum tipo de censura, direta ou velada.

O sujeito periférico e marginalizado, que pouco fala ou “balbucia”, é, para o crítico, uma minoria subjugada e subvertida. No entanto, é necessário compreender o lugar a partir de onde se fala, de onde se constrói as experiências. Para Achugar, o balbucio é uma forma de diferenciação diante dos “centros culturais”, e que devemos reivindicar o balbucio para que ele seja

escutado, percebido, notado na sua alteridade, naquilo que lhe é peculiar, a forma orgulhosa de manifestar a diferença (“nosso discurso *queer*”).

Os planetas sem boca de Lacan representam o subalterno que não fala, não ouve e não vê, ou seja, diante de um discurso “monozigótico” esse subalterno simplesmente é o não-valor, o que deve ser marginalizado. Ouvir o grito do silêncio ou ouvir o balbucio dos subjugados, dos sujeitos marginalizados, dos subalternos torna-se um princípio básico para repensar a questão do latino-americano, partindo do lugar de onde se pensa essa questão, apontando para a condição marginalizada na qual é posta a cultura latino-americana. Essa condição periférica é parte integrante desse sujeito, é o que o faz ser diferente e único em seu processo de hibridização.

O lugar da produção de valor, partindo da periferia ou da margem, para a visão hegemônica e antropocêntrica do Primeiro Mundo, é o “lugar da carência”, um lugar que não possui linguagem valorativa, discurso próprio, bocas. As concepções de marginalizado e subalterno exercem a mesma conotação de excluídos, os que estão fora dos “grandes centros culturais”. Nestes casos, seus discursos são sempre proferidos de um centro que fala por eles, em todas as dimensões. Segundo Gayatri Spivak, o subalterno possui como condição primordial o fato de não falar, “pois se fala já não o é. O subalterno é falado pelos outros”.

Neste sentido, os subalternos, os planetas sem boca, são vistos como anacronismos (do grego *anacronismós*, que representa um erro de cronologia ou que não está de acordo com a época). Processos ou sujeitos errôneos, fora do lugar, fadados a terem apenas a visão do futuro projetado pela câmera do capitalismo, reproduzindo os textos dados a eles na época dos colonizadores. É preciso retirar as amarras que nos prendem neste cinema ou circo dos horrores. Cópias aculturadas? Cópias talvez sim (negar ou afirmar não é mais a questão), mas aculturadas, talvez cada dia menos. Falta a academia e a política nacional voltarem os olhos para sua produção local e encontrar o devido valor nas suas manifestações. Estas produções foram ou ainda são atravessadas pela nulidade ou pela indiferença. A apropriação de outras culturas, estruturas e análises, acriticamente, e pior, repassar o que não nos é próprio, mas sim o alheio, torna-se a maneira mais eficaz de prolongar o pensamento e discurso dominante. Por muitas vezes queremos entender mais o outro do que a nós mesmos. Somos heterogêneos, deslocados e em perpétua mudança.

Uma relação dialética aceitável com o Outro é proposta pelo modernista irreverente Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropofágico* (projeto de 1928). O conceito antropofágico assinala para uma rediscussão do local e do universal, uma inversão da hierarquia tradicional, o que possibilita às produções periféricas se expressarem para o outro com o sabor do local. Essa deglutição, essa metáfora ritualística da antropofagia sugere uma produção literária sob a ótica da diferença. A cópia torna-se o próprio modelo, assumindo um caráter inovador e característico, salvando-nos da chamada angústia da influência. No entanto, essa proposta não nos salva da questão de *como* essa cópia é trabalhada no local, no nacional.

Talvez a proposta que mais nos aproxima de uma relação sem complexo de inferioridade seria a de “hibridização”, de Nestor Canclini, depois retomada por Homi Bhabha, em *O local da cultura*. A hibridização cultural tem sua origem no conceito de *hibridização textual* de Bakhtin. A hibridização e a ideia de culturas híbridas, que de certa maneira se avizinha mais da América Latina do que o conceito de transculturação de Angel Rama, preveem um processo de intercâmbio e mescla de culturas em uma troca pacífica. Entretanto, o que percebemos cada vez mais é o chamado “choque cultural” entre as mesmas. Será que o conceito de hibridização não dá mais conta do processo cultural latino-americano? Será que a “interculturalidade” proposta por Canclini daria mais conta das questões assombrosas e por vezes conflituosas da América Latina?

Para Achugar, um discurso minoritário e língua menor não seriam noções suficientes para pensar no que ocorre na América Latina. As questões que envolvem o sujeito e o discurso latino-americanos passariam pela situacionalidade dos receptores e pela produção da cultura de massa.

Mas, como manter uma identidade e “lealdade” às raízes na era da globalização e da “eliminação” das fronteiras geográficas e políticas? A ideologia dominante internacional endossa, apoia e apresenta o processo organizacional da globalização como sinônimo de progresso, uma construção benéfica de “um mundo só”. Podemos entender esse enunciado ambíguo como um mundo isolado ou homogêneo. Porém, o que percebemos é uma realidade bem diferente e uma dinâmica perversa de um sistema econômico que induz à polarização. Há uma angústia, uma necessidade imposta por esse processo pós-moderno e industrializante de encontrarmos um Eu maior.

Seria interessante, diante dessa perspectiva, que, ao invés de termos uma carteira de identidade, tivéssemos uma carteira de diferenças. Algo que demonstrasse nossas peculiaridades, aquilo que nos torna diferente e especial.

O que não nos parece possível, nem mesmo viável, é que se tenha através do processo da globalização um discurso universal, como se falássemos a mesma língua, como se pensássemos igualmente e como se a produção cultural pudesse ser homogênea. Qualquer que seja o discurso, global ou universal, supõe a questão do sujeito e como ele se relaciona com o lugar, com o que o circunda.

Diante dessa perspectiva, *a priori* contraditória e excludente, colocamos diante da seguinte questão: como reivindicar a fala? O que falar? Como não parecer uma simples imitação do que já foi dito? Na verdade, o que foi dito não foi dito do lugar da fala e o que foi pensado foi pensado pelo Outro, por um centro ou uma metrópole alheia aos processos de produção de conhecimento de quem vive à margem. Este último deve reivindicar o direito de um discurso valorativo pertencente ao sujeito que está às margens de uma sociedade capitalista. No entanto, é preciso perceber uma “estrutura infinita” que se apresenta diante do “centro/periferia”, pois esse centro de onde se fala tem uma periferia que também possui um centro e assim sucessivamente.

O que fica marcado no discurso crítico latino-americano para Achugar é seu caráter múltiplo. Nesse momento, são relacionados alguns críticos latino-americanos como Antonio Candido, Roberto Schwarz, Silviano Santiago, Alejandro Losada, entre outros, que tinham como projeto crítico o trabalho de se pensar a produção de onde se profere o enunciado, marcar a identidade híbrida do latino-americano.

A questão da identidade é permeada, segundo Achugar, pela discussão entre posição e localização de quem pronuncia o discurso.

A memória, a posicionalidade e a localização estariam diretamente ligadas à construção da identidade individual, pois é a partir do lugar de onde se lê e de onde se profere o discurso que constituímos uma identidade. No caso específico da América Latina, há uma profusão considerável de projetos sociais, culturais de classe, gênero e etnia. Dito de outra maneira, a América Latina representaria um campo de batalhas em que os diversos sujeitos disputam pelo poder de estender seu projeto em função de suas memórias individuais.

Dentro da América Latina caberiam várias e múltiplas “pátrias pequenas”.

A ideia de identidade global nos coloca diante da busca de um Eu maior

que o próprio indivíduo, gerando uma necessidade angustiante de ser igual e aceito pela situação dominante. No entanto, se por um lado esse processo inquietante que a globalização parece provocar remete-nos imediatamente ao lado negativo, temos ao mesmo tempo um ponto positivo. A inquietude provocada pela globalização motiva a reflexão e a reflexão (re)visita questões estagnadas e repensa seu lugar diante do centro, da metrópole. Essa profusão de inquietações deve nos obrigar a repensar no sujeito da história. Aquele que falará do lugar de onde se pensa e de onde se concebe a produção valorativa do conhecimento. Este mesmo sujeito deve repensar a literatura nacional, local, questionar os valores impostos dos e pelos cânones literários, pensar no que quer ou no que deve transmitir às gerações futuras, além de questionar o que chamamos de “Literatura e cultura latino-americana”.

O que se deve propor e trazer à luz da discussão são as bases enrijecidas da política, da economia, da cultura, do social a partir de onde a enunciação se projeta. Ouvir o balbucio requer repensar a condição de subalterno. Mas o que se apresenta hoje são transformações e desafios de ordem política, social, econômica, tecnológica que acabam reforçando o discurso homogêneo e reproduzindo as hierarquias arcaicas entre as classes, entre as regiões, entre os diferentes segmentos da sociedade.

A globalização para Volpi, citado por Achugar, é um processo monstruoso que aniquila a heterogeneidade. Por esse prisma, a globalização fortalece o mecanicismo cartesiano, o fragmentário, o consumo pelo consumo, o progresso material como “meta” alcançável; enfatiza uma sociedade humanista liberal e provoca uniformidade cultural, eliminando as particularidades. No entanto, essa discussão passaria pelo binarismo preconceituoso e unilateral que enfatiza o discurso imperialista. A globalização não é uma totalidade de pontos negativos, mas um processo que prevê, como toda mudança de paradigma, elementos favoráveis e desfavoráveis. Cabe ao sujeito, na medida do possível, orientar-se criticamente. Na verdade, o discurso dicotômico entre universal/local, centro/periferia, colonizado/colonizador deve ser avançado de maneira consciente e crítica, trazendo para o centro da discussão não apenas o *porquê* e também o *como*.

O mundo parece ter se tornado uma *aldeia global* em que todos sentem, veem, percebem e vivenciam os acontecimentos alheios. O universal seria agora um grão de areia que prevê uma leitura monadológica dos fatos que nos circundam. O que contribui para essa rápida transmissão das informações glo-

bais são, certamente, os meios de comunicação, principalmente a televisiva. A transformação que essa sociedade “telemática” sofre é de natureza política e submetida aos interesses econômicos de uma determinada classe social. Entretanto, é possível percebermos que o discurso global de uma sociedade “telemática” não é de todo homogêneo. Fica a critério de o sujeito aceitar ou refutar os ideais empreendidos de forma insistente e massificante da ação televisiva. Para tanto, é importante ressaltar que o equilíbrio e desequilíbrio desse discurso dependerão de quem fala e de onde se fala.

Na verdade o que perdura e perpassa todo o texto de Achugar são questões que nos levam a pensar e repensar a identidade. Qual a identidade da América Latina? Como ela se apresenta no universal? O que realmente nos diferencia? Muitas das questões apresentadas não foram respondidas e talvez nem fossem para responder, apenas instigar o pensamento crítico.